

ADOLESCÊNCIA E MARGINALIZAÇÃO EM *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

*Hicléa Luzia Costa Ton Pauletti**
*Altamir Botoso***

RESUMO:

O objetivo deste artigo é realizar uma análise do romance *Capitães da areia*, de Jorge Amado, enfocando o universo dos adolescentes que vivem abandonados nas ruas de Salvador e, em muitos casos, transformam-se em marginais. Dessa maneira, este artigo investiga o tratamento dado à temática dos jovens abandonados pelos pais e pela sociedade e que veem na marginalidade o único caminho para a sobrevivência.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; *Capitães da areia*; Jorge Amado; Marginalidade; Personagem.

A presença da criança e de adolescentes na literatura brasileira tem se revelado um tema bastante fecundo e aparece em diversos contos, romances e poesias, nos quais se explora o universo infantil com suas emoções, sofrimentos e fantasias. No entanto, “os estudos acerca da representação da infância na literatura são escassos, ainda que sua presença seja de grande relevância para a compreensão da estrutura das narrativas em que ela figura” (MATA, 2006, p. 23).

Até o presente momento, só temos notícia de três pesquisas que se dedicaram ao estudo da representação da infância na literatura do nosso país: o livro de Vânia Maria

* Universidade de Marília-SP — UNIMAR. E-mail: hicleapauletti@hotmail.com.

** Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Assis-SP, em Teoria Literária e Literatura Comparada. Docente dos cursos de Graduação e Mestrado em Letras e em Comunicação da Universidade de Marília (Unimar).E-mail: abotoso@uol.com.br.

Resende, *O menino na literatura brasileira* (1988), a dissertação de mestrado de Anderson Luís Nunes da Mata, *O silêncio das crianças: representação da infância na narrativa brasileira contemporânea* (2006) e a tese de doutorado de Juarez Donizete Ambires, *Imagens da infância e da adolescência em Otto Lara Resende* (2007).

No Brasil, considera-se que a primeira obra a se dedicar à temática da infância e a colocar uma criança como protagonista foi *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia (1863-1895) (MATA, 2006, p. 10). Em seguida, há alguns romances em que a criança ocupa uma parte do enredo como em *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), *Memórias de um sargento de milícias* (1852), de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis (1839-1908).

Verifica-se, portanto, que a criança sempre esteve presente nas obras de nossos escritores e, conforme assegura Anderson Luís Nunes da Mata (2006, p. 13),

[...] A literatura brasileira dispensa significativa atenção para a temática da infância, sem jamais tratar o infante como um homem ou uma mulher em si. Ele é corpo ou alma puros, que são violados pelo mundo para, quase sempre, resultarem num adulto. A infância é construída a partir dos entalhes feitos sobre a pedra bruta. Como artífices da escultura, os escritores acabam tendo como modelo, ao retratar a criança, o adulto que ele será ou o adulto que ele não é, com quem ele contracena. [...]

[...] [há] um desencontro entre as expectativas das crianças e aquelas que os adultos depositam nelas. Essa infância como tempo de prazeres, e também de inocência, cercada de adultos vigilantes e repressores, é também a que narra Graciliano Ramos no seu *Infância* e José Lins do Rego, no *Menino de engenho*. Por outro lado, já na década de 1960, as crianças de J. J. Veiga, em *Cavalinhos de Platiplanto* e *Sombras de reis barbudos*, são vítimas da opressão de um poder autoritário, mas principalmente no caso da primeira narrativa é possível escapar por meio da fantasia.

É possível constatar, segundo as considerações de Anderson Luís Nunes da Mata, que a temática da infância perpassa a historiografia literária brasileira, desde o Romantismo até a contemporaneidade, com livros como *Meu pé de laranja lima* (1968), de José Mauro de Vasconcellos (1920-1984), *Pixote: infância dos mortos* (1977), de José Louzeiro

(1932-), *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins (1958-), *Chove sobre minha infância* (2000), de Miguel Sanches Neto (1965-), *Lembrancinha do adeus: história[s] de um bandido* (2004), de Júlio Ludemir (1970-), *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), de Hilda Hilst (1930-2004), *O azul do filho morto* (2000), de Marcelo Mirisola (1966-), *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum (1952-), *Manual prático do ódio* (2003), de Ferréz, pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva (1975-).

Em tais obras, nota-se que a preocupação central dos escritores foi retratar os problemas e os dilemas das crianças e dos adolescentes vivenciados nas grandes cidades. Desse modo, levando em conta o papel das crianças e adolescentes na literatura, dedicamo-nos, neste artigo, a estudar a temática das crianças e adolescentes abandonados e o seu percurso rumo à marginalização no romance *Capitães da areia* (1983), de Jorge Amado.

O problema das crianças e adolescentes em situação de abandono e voltadas à marginalidade tem sido objeto de estudo em inúmeras pesquisas no Brasil e no mundo. Atualmente, cada vez mais se aprimoram os direitos das crianças, os quais não são seguidos ou respeitados. O primeiro passo foi dado em 1959, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma declaração de dez direitos básicos de toda criança, mas até hoje muitos não são cumpridos, como o “direito ao amor e à compreensão por parte dos pais e da sociedade” e “o direito à proteção especial para seu desenvolvimento físico, mental e social” (DIMENSTEIN, 1995, p. 21-22), resultando em milhares de crianças abandonadas que são recriadas pela ficção em todas as partes do mundo.

A infância é uma fase muito importante no desenvolvimento da criança, principalmente em relação à família, quando se constroem vínculos afetivos e direcionamento moral, que influenciam na formação do caráter, preparando-as para a adolescência, que é o período de profundas modificações físicas, psicológicas e sociais. Essa etapa, entretanto, exige acompanhamento familiar, educacional, social e religioso. Entretanto, infelizmente, a problemática da infância e da adolescência continua presente a cada dia e se tornou um problema constante no mundo contemporâneo e um assunto bastante tratado por escritores, sociólogos, psicólogos etc.

Gilberto Dimenstein, jornalista e escritor, preocupado com os problemas da infância e da adolescência, faz a seguinte afirmação em seu livro *O cidadão de papel*:

A criança é o elo mais fraco e exposto da cadeia social. Se um país é uma árvore, a criança é um fruto. E está para o progresso social e econômico, como a semente para a plantação. Nenhuma nação conseguiu progredir sem investir na educação, o que significa investir na infância. Por um motivo bem simples: ninguém planta nada se não tiver uma semente (DIMENSTEIN, 1995, p.8).

Percebemos que o objetivo do autor, ao escrever esse livro, foi mostrar a verdadeira situação da infância, que é um fiel espelho de nosso estágio de desenvolvimento econômico, político e social. Ele nos faz refletir e compreender que árvores doentes não dão bons frutos. Decorre desse fato a importância de planejamento bem sucedido, assim como aplicações práticas de elementos básicos e fundamentais, que melhoraram a realidade de inúmeras crianças e adolescentes marginalizados. Sendo assim, no decorrer de sua obra, Dimenstein exemplifica medidas e projetos governamentais adotados em outros países, que combateram a marginalidade, tirando crianças e adolescentes das ruas.

Podemos também citar o autor Júlio Emílio Braz, escritor mineiro, que vive desde a infância no Rio de Janeiro. No seu livro *Crianças na escuridão*, ele conta a história de oito meninas que vivem nas ruas e são descritas por ele como: “Oito anjos jogados para fora do céu materno, para viverem o inferno da indiferença na grande cidade” (BRAZ, 2003, p. 80).

Em sua obra, ele trata da dor e do cotidiano, da verdade e das injustiças que testemunhou e dos sofrimentos que lhe foram contados sobre crianças e adolescentes. Seus personagens, como ele diz, podem ser encontrados em qualquer grande cidade do Brasil e do mundo. O cenário usado é a Praça da Sé, que é apenas um universo limitado para mostrar a vida das meninas de rua.

O objetivo da sua obra é retratar a infância e adolescência nos dias de hoje. Júlio Emílio Braz afirma não acreditar no futuro de nosso país, se não cuidarmos das crianças no presente:

Nenhum país pode ser feliz se suas crianças choram ou sofrem. Criança é tudo. Acredito que denunciando, mostrando o que acontece, posso contribuir para amenizar a incerteza do amanhã de meus personagens principais [...]. O assunto é muito sério e, como não tenho outra arma a não ser as palavras, que arrumo direitinho nos territórios imaculados e indomáveis das folhas brancas, quis passar para meus livros esses problemas, coisas que vejo e com as quais muitas vezes convivo (BRAZ, 2003, p. 79).

Esta obra tem muitas semelhanças com *Capitães da areia*, apesar de as personagens se diferenciarem por serem femininas. Doca, Rolinha, Pidona, Santana, Pereba, Maria Preta, Maria Branca e Batata são heroínas como os meninos, pois lutam para sobreviverem. Elas vivem nas ruas catando papéis e garrafas, mas também roubam e envolvem-se em muitas aventuras e perigos. No grupo também há leis e tal grupo é liderado por Doca, de dez anos. As meninas, assim como os personagens do romance mencionado, têm suas características próprias, têm suas histórias de vida, ora marcadas pela dor, fome, abandono, medo, ora pela cumplicidade, amizade, desafios e sonhos.

Partindo do exemplo do livro *Crianças na escuridão*, podemos afirmar que dentro da Literatura temos muitas obras que abordam o tema da infância e da adolescência. Elas apresentam meninos e meninas como protagonistas e, dentro do universo infanto-juvenil, são abordados diferentes temas de reflexão social. Todas as narrativas transportam-nos, enquanto leitores, a um universo que permite ver a vida com olhos de sonho e de infância, pois participando da ficção, refletimos a realidade e nos identificamos com alguns personagens, passamos a fazer parte do mundo em que estão inseridas e assim como os próprios autores, recordamos experiências pessoais, ou fatos que marcaram a nossa história de vida.

Neste contexto em que estamos analisando o problema das crianças sem infância e a marginalidade na adolescência, citaremos as palavras de Vânia Maria Resende, em seu livro, *O menino na literatura*, no qual a autora afirma: “[...] Pisando em terreno bastante comovente e encantador, esse do discurso literário, em que criança preenche o espaço da arte com o universo complexo da infância, senti estar vivenciando a leitura como ato lú-

dico e sensível [...]” (RESENDE, 1988, p. 14). Esse é o ponto de partida para adentrar a narrativa que será analisada neste artigo.

Capitães da areia (1937) é um romance brasileiro e urbano. Trata das desigualdades sociais. Conta a história de um grupo de menores abandonados e marginalizados que aterrorizam Salvador. São quase vem meninos entre oito e dezesseis anos que vivem num trapiche abandonado. Foram discriminados, excluídos pela sociedade e pelo governo, mas tinham muitos sonhos e desejos, que alguns conseguiram realizar.

Em *Capitães da areia*, Jorge Amado descreve, de forma bastante realista, o cotidiano do grupo, centrando as ações na vida dos menores e as aventuras destes meninos abandonados que roubavam, esmolavam e trapaceavam para garantirem a sobrevivência nas ruas de Salvador.

O escritor aproveita o enredo para mostrar as diferenças de classes, as desigualdades sociais entre ricos e pobres, a má distribuição de renda, a exclusão dos menores de rua por parte da população e do governo e os efeitos da marginalidade nas crianças e adolescentes, discriminados por um sistema social perverso. Ao conduzir a história em função dos destinos individuais de cada participante do grupo, ele ilustra, de um lado, a marginalização definitiva de uns como no caso de Sem-Pernas e Volta-Seca, e de outro, a tomada de consciência de personagens como Professor, Pirulito e Pedro Bala.

As primeiras edições do romance *Capitães da areia* foram ilustradas por Napoleon Potyguara Lazarroto, conhecido como Poty (1924-1998) e em suas ilustrações podemos observar os personagens, assim como o seu modo de ser e de agir.

Nos romances de Jorge Amado e, principalmente em *Capitães da areia*, notamos grandes preocupações sociais, por meio dos dramas de seus personagens.

Alguns são órfãos, outros abandonados. Passam a ser intitulados como heróis por sobreviverem por si mesmos e pela união do grupo. As preocupações sociais dominam, mas os problemas existenciais os transformam em personagens únicos e corajosos. O autor também deixa claro o descaso dos governantes e da sociedade em geral em relação ao problema das crianças e adolescentes abandonados e marginalizados nas grandes cidades.

Percebemos a preocupação do autor em retratar a realidade dos meninos, pois as crianças e os adolescentes são reflexos da vida que levavam e do destino que tiveram, como a falta de uma mãe, de um pai, de afeto, carinho, amor, cuidados básicos, escola e orientação.

No livro *O Menino na Literatura Brasileira*, Vânia Maria Resende (1988, p.162) faz a seguinte afirmação:

Se passarmos à sondagem dos textos de Jorge Amado, é fácil reconhecer a intenção que os dirige: a de repetir aquilo que a realidade (baiana sobretudo) é, ou foi, em certos momentos históricos, com grande dose de descritivismo. Reproduz, também, a concepção realista, por exemplo, em *Terras do Sem Fim*, onde mostra que as pessoas são produto do meio e aí se molda seu comportamento, corrompem-se, sem dar conta de modificá-lo e de modificar-se [...]. Os dados circunstanciais e autobiográficos que a sua narrativa veicula caem na redundância, porque, em lugar de inventar ou inverter a realidade, na sua ficção, descreve linearmente, sem complexidade metafórica, situações, tipos e cenas facilmente identificados em local e tempo determinados (RESENDE, 1988, p.162).

Jorge Amado dedicou-se aos marginalizados, como os menores abandonados, o povo oprimido e injustiçado das classes mais pobres e populares e registrou em suas obras experiências que ele mesmo vivenciou. Em *Capitães da areia*, ele ressalta a oposição entre ricos e pobres, entre a burguesia e as crianças abandonadas, mas também mostra as diferenças no plano da religião e dos direitos humanos, deixando-nos a certeza de que seus personagens são frutos do meio em que vivem, refletindo em seus atos a própria realidade.

Podemos perceber que na sequência da narrativa, há uma transformação das personagens que passam da infância à adolescência, traçando cada uma o seu destino. E em muitas delas, vamos identificando os efeitos da marginalidade, pois os meninos vivem nos limites entre o certo e o errado, a ordem e a desordem, o amor e o ódio, o que permite aos leitores classificá-los como malandros e marginais, até se encantarem pelas suas histórias que muitas vezes despertam compaixão, pois, na verdade, eram crianças e adolescentes carentes de afeto e de cidadania, humildes, solidários com o grupo e com aqueles que depositavam confiança neles como o Padre José Pedro, a mãe de santo Don'Aninha

e o capoeirista Querido-de-Deus. Os meninos agiam ora com violência, ora com astúcia para defenderem-se daqueles que os ignoravam.

Vânia Maria Resende em *O Menino na Literatura Brasileira*, ao tratar de “Ziraldo — Poeta Menino Guerreiro”, tece as seguintes considerações que também podem servir para ilustrar os personagens do romance *Capitães da areia*:

[...] Guerreiros, sonhadores aventureiros, deslocados das semelhanças sociais, insensatos, metamorfoseados, pela sua sensibilidade e pelo seu sonho, em demônios, para uns, e em deuses, para outros. Como gente, porém, não passam de Guerreiros, livres lutadores que encaram o desafio permanente de sustentar, com fortaleza, a fragilidade do seu sonho, sozinhos na margem esquerda da ordem vigente, esse sonho marginalizado, amaldiçoado pelos que não são capazes de entender a beleza da criação [...]. (RESENDE, 1988, p.120)

No trecho em apreço, Vânia Maria Resende enfatiza as personagens de Ziraldo, que foram meninos peraltas transformados em homens livres e lutadores. Podemos perceber a semelhança com os *Capitães da areia*, cujos personagens também foram crianças e adolescentes guerreiros durante toda a narrativa.

É nossa intenção destacar também a questão da marginalidade através dos ambientes em que viviam os meninos. O autor iniciou o romance com a descrição do trapiche, um casarão abandonado no meio do cais, que após ser descoberto pelos *Capitães da areia*, tornou-se o porto seguro e o refúgio para o grupo:

Sob a Lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem. Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alcerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua [...]. Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos [...]. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva [...] até que os *Capitães da areia* lançaram as suas vistas para o casarão abandonado. (AMADO, 1983, p.25)

É neste ambiente que os meninos abandonados encontraram abrigo e lá sentiam-se protegidos dos inimigos, da polícia, do juizado de menores.

Abrigavam-se após o anoitecer para não serem vistos. O trapiche estava situado na areia, perto do mar, na chamada cidade baixa, longe da população, e isso nos revela uma condição de marginalidade dessas crianças, ou seja, o distanciamento da vida social, a exclusão, a diferença, pois este espaço semidestruído e abandonado é um contraste com as mansões da cidade, como essa que é mencionada no romance do escritor baiano: “Era um prédio moderno e elegante, jardim na frente, garagem ao fundo, espaçosa residência de gente rica” (AMADO, 1983, p. 103).

Observamos com esta descrição da casa no bairro da Graça, que era de um advogado, Raul e sua esposa dona Ester, os quais no capítulo “Família”, acolheram Sem-Pernas, que se fez passar por um menino órfão. Este ambiente contrasta com o trapiche, acentuando assim as diferenças sociais e a marginalização dos meninos desprotegidos. No entanto, para os *Capitães da areia*, o trapiche era um lugar de amparo, e as mansões, restaurantes, lojas atiçavam a cobiça dos meninos, pois estes lugares serviam apenas para conseguirem a sobrevivência através de assaltos e furtos.

A cidade de Salvador como um todo é outro espaço fundamental que envolve os meninos nos mistérios da grande cidade e o desejo de realizar os próprios sonhos. Na passagem que segue, notamos a presença do espaço físico e psicológico dentro do romance: “Vestidos de farrapos, sujos, esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas” (AMADO, 1983, p.28).

Assim que se afastavam da família, ou de casa por algum motivo, os meninos iam para as ruas da cidade, uma vez que sentiam o gosto da liberdade e o fascínio da descoberta do proibido. Na passagem abaixo, João Grande, menino de treze anos que já havia passado quatro em absoluta liberdade com os *Capitães da areia*, correndo pelas ruas, parte definitivamente para morar com os demais no trapiche, após ver o pai morrer atropelado:

Desde aquela tarde em que seu pai, um carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou à pequena casa do morro. Na sua frente estava a cidade misteriosa, é quase tão misteriosa como o verde mar. Por isso João Grande não voltou mais. Engajou com nove anos nos *Capitães da areia* [...]. (AMADO, 1983, p.28)

Enquanto espaço físico, a cidade baixa, com seus mais variados lugares, como o trapiche, o mar, a areia, as docas, os botequins, o terreiro de Don’Aninha, constratava com a cidade alta, com suas mansões, igrejas, lojas, restaurantes, cadeia, reformatório, envolvendo os meninos em suas intensas atividades do cotidiano, despertando nos menores ora a liberdade, a amizade, ora a cobiça, o interesse pelas coisas alheias, a vingança. Enquanto espaço psicológico, a cidade parece adquirir vida, muitas vezes acolhendo-os, outras os rejeitando.

A passagem em que Dora caminha com o irmão Zé Fuinha pelas ruas da cidade, após perderem os pais, reflete este espaço psicológico:

[...] Dora tomou o irmão pela mão e desceu para a cidade. Não se despediu de ninguém, era como uma fuga. Zé Fuinha ia sem saber para onde, arrastado pela irmã. Dora marchava tranquila. Na cidade havia de encontrar quem lhes desse de comer, quem pelo menos tomasse conta de seu irmão. Ela arranjará um emprego de cozeira numa casa. (AMADO, 1983, p.144)

Nesse trecho, Dora sonha e idealiza que a cidade grande resolverá seus problemas. Acredita que ela e o irmão serão acolhidos por alguma família ou instituição, que seus destinos seriam bons, pois o passado já tinha-lhes marcado: “Do morro sua mãe tinha saído num caixão, seu pai metido num saco” (AMADO, 1983, p. 148).

No entanto, logo ela percebeu a triste realidade que os cercava, como a fome, o medo e a solidão:

Gastou os últimos níqueis. As luzes se acenderam e ela achou a princípio muito bonito. Mas logo depois sentiu que a cidade era sua inimiga, que apenas queimara seus pés e a cansara. Aquelas casas bonitas não a quiseram. Voltou curvada, afastando com as costas da mão as lágrimas [...]. (AMADO, 1983, p.149)

Constatamos assim, que as diferenças de classes sociais são marcadas pelas diferenças espaciais, pois enquanto os ricos viviam no alto, os pobres pareciam se esconder na parte baixa de Salvador. Outra diferença marcante foi quando a varíola, conhecida como bexiga negra, alastrou-se pela cidade e apenas os ricos foram vacinados:

[...] E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da Saúde Pública, metiam os doentes num saco, levavam para o lazareto distante [...] Omolu tinha mandado a bexiga negra para a cidade alta, para a cidade dos ricos. Omolu não sabia dar vacinas [...]. (AMADO, 1983, p.123)

Este fato acentua também a diferença das classes, já que o povo pobre e simples sofria com a discriminação. Os próprios *Capitães da areia* sofreram quando a bexiga negra chegou no trapiche: “Almiro foi o primeiro do grupo dos Capitães da Areia que caiu com alastrim” (AMADO, 1983, p. 123). O pobre garoto acaba morrendo no lazareto. Depois foi Boa-Vida que adoeceu, mas este consegue salvar-se: “Boa-Vida voltou magro, a roupa dançando no corpo [...] Os outros o olharam receosos quando naquela noite entrou no trapiche” (AMADO, 1983, p. 139).

A epidemia confirma mais um aspecto da exclusão social, do descaso dos governantes em relação à saúde pública. Para os pobres e abandonados como os *Capitães da areia* sobreviverem depois de irem ao lazareto era um milagre.

Em muitos outros capítulos, o autor trata de contrastes, como no capítulo “Docas”, quando Pedro Bala fica sabendo da vida heroica do pai, um estivador que foi morto numa greve. O chefe dos *Capitães da areia* assume dois posicionamentos antagônicos ao mesmo tempo, fica revoltado, mas cresce em seu peito um grande desejo de participar no futuro das lutas libertárias, de ser como o pai:

[...] — Eu gostaria de fazer uma greve. Deve ser porreta [...] Pedro Bala mirou o chão agora asfaltado. Por baixo daquele asfalto devia estar o sangue que corra do corpo de seu pai [...] Poderia fazer uma greve assim como o seu pai e João de Adão, brigar com polícias, morrer pelo direito deles. Assim vingaria seu pai, ajudaria

aqueles homens a lutar pelo seu direito (vagamente sabia o que era isso). (AMADO, 1983, p.77)

Neste capítulo, a vida de Pedro Bala, garoto de 15 anos, que anda pelas ruas desde os cinco, muda totalmente, pois nunca soube de sua mãe e só sabia que seu pai, como ele dizia, morreria de um “balaço”. Já sendo um autêntico líder, respeitado pelo grupo e temido por toda cidade, após saber a verdade, sua revolta e desejo de vingar-se dos poderosos aumenta.

O contraste se dá no instante em que Pedro Bala sai transtornado pelas ruas da cidade e tenta violentar uma negrinha de quinze anos. Atormentado pelo desejo, acaba por esquecer-se da desumanidade de seu ato, pois a negrinha tenta defender-se dele: “O rosto da negrinha era de terror” (AMADO, 1983, p.80). No entanto, confuso em seus sentimentos, como se a consciência lhe falasse e ouvindo as pragas da negrinha: “Desgraçado... Desgraçado...” (AMADO, 1983, p. 85), ficou parado e começou a correr pelo areal:

[...] E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pai, o ódio que sentia contra a cidade rica, que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida, vida de criança abandonada e perseguida, a pena que sentia pela negrinha, uma criança também. (AMADO, 1983, p.85).

Observamos que Pedro Bala, apesar de todo ódio e rancor trazidos em sua alma, era um adolescente que cresceu desprezado, por isso sua consciência oscilava entre atitudes humanas e desumanas. Muitas vezes foi para o reformatório, até para defender os companheiros, pois se julgava mais forte para suportar as surras e sabia como planejar as fugas.

A marginalidade presente em Pedro Bala, fruto da sua personalidade, devido às condições de vida que ele teve desde a infância, podemos também encontrar em outros personagens como Sem-Pernas, menino de treze anos coxo: “[...] que vivera sozinho nas ruas da cidade, hostilizado pelos homens que passavam, empurrado pelos guardas, surrado pelos moleques maiores. Nunca tivera família” (AMADO, 1983, p. 34). Sem-Pernas

traz em si uma grande revolta e ódio pelos homens, pois: “[...] Vivera na casa de um pai-deiro a quem chamava ‘meu padrinho’ e que o surrava: Fugiu logo que pôde [...]. Sofreu fome, um dia levaram-no preso” (AMADO, 1983, p. 34).

Nunca se apagou de sua memória a surra de borracha que levou quando foi preso:

Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. [...] A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram [...] Sangrava e ainda hoje ouve como os soldados riam [...] (AMADO, 1983, p.34).

Na verdade, era apenas um menino, ou seja, uma criança, vítima das maldades dos adultos, que sem piedade lhe batiam e o maltratavam. Sem-Pernas cresceu alimentando o desejo de vingança por não conseguir realizar os seus sonhos:

Ele queria uma coisa imediata, uma coisa que pusesse seu rosto sorridente e alegre, que o livrasse também daquela angústia, daquela vontade de chorar que o tomava nas noites de inverno [...]. Queria alegria, uma mão que o acarinhasse, alguém que com muito amor o fizesse esquecer o defeito físico e os muitos anos (talvez tivessem sido apenas meses ou semanas, mas para ele seriam sempre longos anos) (AMADO, 1983, p.34).

O defeito físico determina-lhe a revolta. Depois que passou a fazer parte dos *Capitães da areia*, era mestre em enganar senhoras, passando-se por pobre órfão. Ao passar uns dias na casa de uma família, descobria os objetos de valor e os hábitos da casa e os demais companheiros roubavam-na. Ele sentia uma grande satisfação e ria quando se davam conta de que aquele pobre órfão os havia roubado: “Assim se vingava, porque seu coração estava cheio de ódio [...]. Desejava ter uma bomba que arrasasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares” (AMADO, 1983, p. 37).

A história de Sem-Pernas comove a todos os leitores, pois um dia ele encontra numa casa o verdadeiro amor. Passa a ter carinho por dona Ester, que o acolhe, porque

vê neste menino órfão o filho que perdera na mesma idade. Ele sentia-se protegido e amado:

[...] dona Ester o chamava de filho e o beijava na face. O Sem-Pernas luta consigo mesmo. Gostaria de continuar naquela vida [...].

Só então o Sem-Pernas viu que estava mesmo chorando, limpou as lágrimas, mordeu a mão [...].

Mas que adiantaria isso para os Capitães da Areia? E ele era um deles, nunca poderia deixar de ser um deles [...] (AMADO, 1983, p.113).

Então, Sem-Pernas parte e sua vida volta a ser pior do que antes, pois conhecera o verdadeiro amor, o amor de mãe. Conhecera o carinho, o conforto e o valor da família: “E rebentou em soluços, que deixaram os *Capitães da areia* estupefatos [...]” (AMADO, 1983, p. 115). E deste dia em diante, sua revolta aumenta, até que tudo caminha para seu triste desfecho, que é sua morte fugindo dos policiais:

Os guardas vêm nos seus calcanhares. Sem-Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança [...] os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca pôde ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado a abandoná-lo, porque a vida já o tinha marcado demais. Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. Nunca conseguira amar ninguém, a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. Amava unicamente o seu ódio, sentimento que o fazia forte e corajoso apesar do defeito físico. [...] Nunca, porém o tinham amado pelo que ele era, menino abandonado, alvejado e triste. [...] Sobre para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima e estende os braços, se atira de costas no espaço, como se fosse um trapezista de circo. [...] Sem-Pernas se rebenta na montanha [...]. (AMADO, 1983, p. 214-215)

Este episódio merece ser citado, pois a morte de Sem-Pernas choca o leitor que esperava que ele tivesse um final feliz, reencontrando o amor de D. Ester, ou o encontro

com uma família que o amasse, ou até mesmo que ele se regenerasse e tivesse um destino diferente da situação de marginalidade na qual se encontrava.

Podemos perceber que a morte, através de seu suicídio, foi o único caminho encontrado por ele. Morre de braços abertos como se esperasse por outros braços que o acolhessem. Sua morte aconteceu numa praça: “A praça toda fica em suspenso por um momento. “Se jogou” diz uma mulher e desmaia” (AMADO, 1983, p. 215).

O objetivo de *Sem-Pernas* foi sempre chamar atenção. Quando batia, xingava, brigava, maltratava, nada mais era que um apelo, um pedido de socorro. Este triste desfecho deixa-nos claro a marca da marginalidade, o descaso da sociedade em relação aos menores abandonados, o autoritarismo da polícia e das classes dominantes.

Álvaro Cardoso Gomes (1998, p.78) teceu, em seu livro *Roteiro de Leitura: Capitães da areia*, a seguinte observação:

Para acentuar a disparidade entre as classes, o narrador mostra que os poderosos ainda dispõem de certas forças que os protegem e que servem para marginalizar ainda mais os desfavorecidos. Essas forças são a polícia (conjuntamente com instituições como os reformatórios e orfanatos) e a Igreja. A primeira constitui-se no cão de guarda das classes dominantes e, por isso mesmo, ostensivamente se presta a expurgar do sistema social todos aqueles que possam representar ameaça à manutenção da ordem. Esse comportamento repressivo da polícia pode ser visto na visão crítica que o narrador tem dela e, mais especificamente, em certas cenas em que se mostra o autoritarismo, como a da prisão forjada de Pedro Bala e a do reformatório. Não é à toa que o narrador transfere aos poderosos certas qualidades que são inerentes aos policiais.

Na seqüência de nossas análises, vamos mencionar alguns fragmentos que comprovam a chamada “disparidade entre as classes”, como comentou Álvaro Cardoso Gomes em relação ao autoritarismo disseminado e mantido pelas classes dominantes.

No trecho abaixo, observamos a referência que Jorge Amado faz à joia, ao charuto e à entonação de voz do comissário de polícia, enfatizando sua superioridade: “O comissário era um jovem advogado que reluzia um rubi no dedo e um charuto no queixo. Quando Pedro encontrou com o guarda, pedia café em voz alta [...]” (AMADO, 1983, p.

94). A conjugação dos três elementos — joia, charuto e entonação de voz — serve para enfatizar a posição de superioridade do comissário em relação a Pedro Bala.

No capítulo “Reformatório”, Pedro Bala é preso e se recusa a falar onde vivem os demais *Capitães da areia*, então é torturado e espancado:

[...] O investigador fez um sinal para os soldados. Pedro Bala sentiu duas chicotadas de uma vez. E o pé do investigador na sua cara. Rolou no chão xingando.
— Ainda não vai dizer? — perguntou o diretor do Reformatório.
— Isso é só o começo. [...] davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos e pontapés. [...] Os soldados vibraram os chicotes [...].
Grita de dor. Mas não sai uma palavra de seus lábios. (AMADO, 1983, p.172)

O autoritarismo é evidente, são muitos os poderosos como o chefe do reformatório, soldados, investigador, contra um menino de quinze anos já marginalizado pela vida, que deveria ser encaminhado, ser ouvido e ajudado de alguma forma. Contudo, estes mesmos “cumpridores da lei” o instigavam a trilhar ainda mais os caminhos da marginalidade, pois lhe colocaram numa cafua que “Era um pequeno quarto, onde não se podia estar em pé nem tampouco estar deitado [...]” (AMADO, 1983, p. 173). Neste episódio, Pedro passa a água e feijão por alguns dias, aumentando seu ódio: “Esmurra a porta da cafua. Mas parece que lá fora não há ninguém que o ouça. Vê a cara malvada do diretor. Enterrará seu punhal até o mais fundo no coração do diretor” (AMADO, 1983, p. 175).

A própria Igreja, que deveria ser uma instituição de apoio aos menores abandonados, acaba por excluí-los. Com exceção do padre José Pedro, que se aproximou dos meninos, conquistou a confiança do grupo, ajudava-os dentro do possível, dedicando-se a eles e oferecendo-lhes apoio: “O padre José Pedro, enquanto esperava sua paróquia, se dedicara aos meninos abandonados [...] Fazia pouco tempo que captara a confiança dos meninos. Estes já o tratavam como amigo [...]” (AMADO, 1983, p. 129). José Pedro é o único elemento ligado à igreja católica que defende e auxilia os menores abandonados dentro do romance.

Os *Capitães da areia* não o respeitavam como um sacerdote, mas como alguém em quem podiam confiar. O padre era um dos poucos amigos que frequentavam o trapiche. Mesmo havendo muitas beatas reclamando por causa de suas relações com os meninos, ele só se sentia um verdadeiro sacerdote dedicando-se aos menos favorecidos.

Em muitos momentos a “Igreja” faz opção pelos ricos, ignorando os problemas dos menores e desvalidos. O padre foi advertido pelas autoridades que fizeram queixas ao Arcebispo, que preferiu defender uma beata: “— O senhor sabe que a viúva Santos é uma das melhores protetoras da religião da Bahia? Não sabe dos donativos... O senhor ajudou uma corja de moleques, numa praça, a vaiá-la” (AMADO, 1983, p. 130). O cônego o humilha e o ameaça.

O padre José Pedro tenta explicar: “— Eu sei que sou um padre ignorante e indigno de servir ao Senhor. Mas estas crianças nunca tinham tido ninguém que olhassem por elas. Eu tive a intenção...” (AMADO, 1983, p. 133). Suas justificativas não foram aceitas por seu superior, que só estava interessado no dinheiro que as beatas pudessem doar à igreja.

Álvaro Cardoso Gomes (1998, p.79) deixa evidente a relação da igreja com os ricos, quando faz a seguinte colocação:

Em outros momentos, essa adesão da Igreja aos ricos e poderosos pode-se traduzir num desprezo pelas classes humildes e numa crítica de caráter ideológico, aos que fizeram a opção pelos pobres. Essa crítica, como não poderia deixar de ser, serve-se de um estereótipo muito comum na época, que era o de “comunista”.

No romance, também é possível notar que a igreja privilegia os ricos em detrimento das classes menos favorecidas, conforme se verifica na reprimenda que o cônego passa ao padre José Pedro, chamando-o de comunista:

— Cale-se — a voz do cônego era cheia de autoridade. — Quem o visse falar diria que é um comunista que está falando. E não é difícil. No meio dessa gentalha o senhor deve ter aprendido as teorias

deles... O senhor é um comunista, um inimigo da Igreja... (AMADO, 1983, p.134).

As observações do cômico não deixam qualquer dúvida no que tange ao papel da igreja em relação aos mais humildes: aos representantes da igreja só interessa manter boas relações com os ricos e receber suas polpudas doações.

As palavras de Gomes (1998, p.79 e 80) nos fazem compreender o poder da classe dominante, que tendo como ajudar a solucionar o problema da marginalidade entre as crianças, acaba por ignorar e excluir àqueles que tentavam se dedicar a defender os menores. Também fica claro que o narrador passa a valorizar um Cristianismo humilde, centrado na simplicidade, longe de ostentações, da hipocrisia assumida pela sociedade, no caso as “beatas”, que usam a igreja e as celebrações para satisfazerem as necessidades pessoais, para o *status* e não para dedicarem-se ao próximo. Já o padre José Pedro tinha uma postura humilde, pregava nas ruas, visitava os lugares que julgava faltar carinho, amor de Deus e consolo.

Assim, percebemos que Jorge Amado valoriza as igrejas populares, de origem africana, que no romance são retratadas na figura de Don’Aninha, a qual demonstrava amor ao próximo, cuidando, zelando e oferecendo carinho aos *Capitães da areia*:

Por último Don’Aninha veio aonde estavam os *Capitães da areia*, seus amigos de há muitos, porque são amigos da grande mãe-de-santo todos os negros e todos os pobres da Bahia. Para cada um ela tem uma palavra amiga e maternal. Cura doenças, junta amantes, seus feitiços matam homens ruins. (AMADO, 1983, p.86)

As figuras de Don’Aninha e de padre José Pedro retratam as poucas pessoas que se dedicavam aos meninos abandonados. Eles não tinham condições financeiras, mas carinho, proteção, amor e palavras amigas não lhes faltavam e esta ligação de solidariedade e cumplicidade fizera diferença na vida de muitos *Capitães da areia*, assim como a personagem Dora que, apesar de menina também abandonada, foi amiga, mãe e irmã de todos os meninos, encantando a cada um: “[...] Sonhava com um olhar de carinho dos olhos de

Dora [...] carinho maternal que ela tinha para os menores e para os mais tristes [...]” (AMADO, 1983, p.162).

As poucas relações de afeto e amor que Dora manteve com os meninos foram fundamentais para muitos personagens. Pirulito encontrou nos estudos o amor de Deus, seguindo o caminho do sacerdócio, Professor partiu para tornar-se um grande pintor, João Grande realizou o sonho de ser marinheiro e Pedro Bala, depois de enfrentar tantas dificuldades como a rua, a prisão, o reformatório, o jovem ladrão transforma-se num líder proletário.

Jorge Amado acentua a lealdade, o companheirismo dos meninos entre si e com os amigos verdadeiros, pois entre eles havia um elo muito grande de amizade e solidariedade. O sofrimento, a vida de desamparo, a falta de condições básicas para a sobrevivência e formação de caráter marcaram estes fortes *Capitães da areia*. E o pouco que tiveram, fizeram deles grandes heróis, pois muitos tiveram a possibilidade de encontrar a realização pessoal, mesmo sentindo o desprezo e exploração das classes dominantes, das pessoas que tinham poder e bens materiais, a força da polícia, a falta de solidariedade da sociedade em relação às classes menos favorecidas.

Compreendemos a postura do autor colocando desfechos diferentes para cada personagem. Claro que sonhávamos com um final feliz e promissor para todos, principalmente para aqueles que partiram deste mundo, sem concretizarem seus sonhos como Almiro e Dora, que adoeceram e, por falta de recursos, morreram, assim como Sem-Pernas, que trazia sua doença na alma, no seu psicológico, tirando a própria vida. E os demais que permaneceram no mundo do crime e da malandragem.

Como pudemos observar, em toda narrativa, o narrador caracteriza seus personagens dando-lhes toda a atenção, enfatizando os tipos sociais, as ações, o meio em que vivem, fazendo uma abordagem da sociedade da época, destacando a divisão de classes entre os cidadãos da cidade “alta”, ricos, políticos, autoridades, que são arrogantes e indiferentes ao próximo e, de outro lado, o grupo de garotos abandonados, intitulados por ele de *Capitães da areia*, que fazem parte dos pobres, da cidade “baixa”, do cais, da areia, das

ruas, mas seres indefesos, capazes de amar e de criar uma comunidade solidária, fiel e companheira.

Com esse romance, Jorge Amado retrata seu compromisso com a realidade social e com sua grande missão conscientizadora, fazendo o leitor refletir e posicionar-se frente ao problema dos menores abandonados, mostrando-nos que a marginalidade é um problema social que exige consciência e transformação de todo ser humano. Ele conseguiu e consegue despertar a emoção dos leitores adolescentes e adultos, fazendo-os participar e envolver-se com as personagens e os episódios por elas vivenciados.

Concluímos que *Capitães da areia* é um romance envolvente também pela sua linguagem popular, objetiva e ao mesmo tempo lírica e que, apesar de ter sido publicado há mais de meio século, continua atual e comovente, provocando reflexões nos leitores como o modelo econômico, a organização social e a consciência dos cidadãos brasileiros. Muitas mudanças ocorreram em nosso país em todos os sentidos, mas o planejamento social, a qualidade e as condições de vida de muitos continuam as mesmas retratadas no universo ficcional criado pelo escritor baiano.

Álvaro Cardoso Gomes (1998, p. 96) resume a obra de Jorge Amado da seguinte forma:

Em síntese, *Capitães da areia* é um dos poucos romances de denúncia social escritos com talento e amor, e que põe o dedo numa das maiores feridas de nosso país: a situação do menor abandonado. Desse modo, o romance de Jorge Amado provoca uma curiosa reflexão: de um lado, comove com sua visão lírica, às vezes apaixonada, dos meninos que atendem pelos nomes e apelidos de Pedro Bala, Sem-Pernas, Pirulito, Professor, Gato, Volta Seca etc., de outro, se cotejarmos o que o livro conta com o que ocorre no nosso tempo e, deixa no ar uma série de indagações [...].

De acordo com o que postula Cardoso Gomes, podemos dizer que o problema dos menores abandonados continua atual e muito longe de ser resolvido. Hoje nossa realidade é ainda mais dura, pois a marginalidade só aumentou, muitos adolescentes matam, roubam, subornam, usam drogas, fazem parte de tráficos entre outros. Os *Capitães da areia* contemporâneos continuam pelas ruas e a solução está longe de existir.

Ressaltamos o fato de que temos consciência de que o romance de Jorge Amado é uma recriação da realidade social brasileira, uma criação ficcional, uma invenção. No entanto, ela mantém um estreito vínculo com a realidade vivida pelas crianças e adolescentes marginalizados, cujo destino se aproxima e reverbera naquele dos personagens do escritor baiano.

**ADOLESCENCE AND CRIMINALITY IN
CAPITÃES DA AREIA BY JORGE AMADO**

ABSTRACT:

The purpose of this article is to accomplish an analysis of the novel *Capitães da areia*, by Jorge Amado, focusing the universe of adolescents who live abandoned on Salvador streets and, in many cases, become criminals. In this way, this article investigates abandoned young people by parents and society's theme and who see in criminality the only way to survive.

KEYWORDS: Adolescence; *Capitães da areia*; Criminality; Character; Jorge Amado.

Referências

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 57. ed., Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMBIRES, Juarez Donizete. *Imagens da infância e da adolescência em Otto Lara Rezende*. 2007. 159 f. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, 2007.

BRAZ, Júlio Emílio. *Crianças na escuridão*. 3. ed., São Paulo: Moderna, 2003.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância e a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 10. ed., São Paulo: Ática, 1995.

GOMES, Álvaro Cardoso. *Roteiro de leitura: Capitães da areia* de Jorge Amado. 2. ed., São Paulo: Ática, 1998.

MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, UnB, 2006.

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Recebido em 10/08/2012.
Aprovado em 11/11/2012.